

O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA — DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSÁVEL J. P. LANÇA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 reis; anno, 1500 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampillas.
Toda a correspondência deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo commum, 20 réis, annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

LOULÉ

Fechado o parlamento e em plena calmaria politica, o actual governo encontra-se em condições excepçoes d'estudo e de trabalho para bem servir o paiz.

São enormes ainda, em verdade, as difficuldades que asoberbam o nosso estado social, mas é necessario reconhecer e confessar que o periodo agudo da crise financeira, economica e politica passou e que hoje nos encontramos n'uma situação relativamente desafogada, havendo melhoraço consideravelmente o credito da nação, progredido a industria, renascendo a confiança commercial e restabelecendo-se a pacificação politica n'uma alevantada comprehensão patriótica.

E, se para este estado animador tem poderosamente contribuido a attitudo desinteressada e correcta do partido progressista, não levantando embaraços á administração governativa, e antes auxiliando-a com empenho e abnegação, é certo que os merecidos louvores por haver sabido até agora manter a boa vontade de trabalhar e de ser util, correspondendo á confiança e ao auxilio dos adversarios politicos com lealdade, mostrando-se sempre animado de idéas de tolerancia e harmonia.

Continuar n'este progressivo caminhar, até um estado d'equilibrio de todas as forças vivas do paiz, necessario á moralidade d'uma existencia social, ou mesmo attingir o grau de prosperidade bastante para impulsar tambem no concerto universal a marcha evolutiva da humanidade na conquista d'uma civilisação mais perfeita, tal é o desideratum que, constantemente, governos e governados, devem ter presente no espirito, procurando nas lições da historia o ensinamento que os guie recta e justiceiramente, mostrando-lhes os escolhos a evitar.

E não será preciso compulsar os grossos volumes d'uma historia universal, nem tão pouco remontar muito longe na nossa propria historia para encontrarmos lição proveitosa.

Basta-nos o estudo e o conhecimento das causas que nos levaram á ultima crise porque passámos e de que ainda nos não achamos livres, para que immediatamente reconheçamos o mal a combater ou a evi-

tar, e o trilho a seguir de futuro com vantagens incontestaveis.

Attentando, com effeito, no modo por que se tem administrado o paiz, desde que a influencia de partidos fortes, bem organizados e com idéas, deixou de se manifestar na governação publica, nós vemos a mais completa anarchia politica, trazendo como consequencia immediata a exploração dos reditos do estado, em proveito d'interesses puramente particulares, o abandono das condições que fariam prosperar as fontes de riqueza, taes como: industria, agricultura e commercio, e a perversão dos costumes e dos caracteres, subordinando-os ao egoismo e á ambição.

Primeiro a formação de *patrulhas* dentro dos partidos, depois, a pretensão d'estas mesmas *patrulhas* a vida autonoma e o apparecimento de *individualidades* a imporem-se, querendo cada uma de per si ostentar a força e o poderio que só a acção combinada de muitos poderia reunir, enfraquecendo extremamente os partidos, crearam uma lucta de ambições tal, que a instabilidade do governo se estabelecia, ao passo que a corrupção accentuava.

Os que obtinham o poder tratavam isoladamente de augmentar a sua importancia e não recuavam por sacrificar uma boa administração a uma *boa eleição*, que, por via de regra, custava sempre largos subsidios para egrejas, estradas sem importancia geral, passaes, etc. e a criação de logares largamente remunerados e desnecessarios, á medida que, por favoritismo, tambem os *amigos* não pagavam contribuições e iam locupletando-se em *negociatos* de empreitadas e de emprestimos, ou no relaxamento da fiscalisação sobre o industrialismo que exploravam, muitas vezes creado *ad hoc*.

O publico pouco a pouco foi tolerando este systema d'extorsões, chegando mesmo a apaixonar-se por elle a tal ponto, que já era o primeiro a fomentar o esbanjamento sob todas as formas, contribuindo efficaçamente para o estabelecimento d'uma verdadeira *emprego-mania* e desafiando pelo furor de melhoramentos materiaes apparentes a corrupção como norma de bom governo.

O resultado de tudo isto foi o que não podia deixar de ser: um augmento de despesa, a que não correspondia um augmento de receita, aggravando-se dia a dia a

situação economica.

Os emprestimos serviram de palliativo por algum tempo, mas desde que o credito faltou, a crise appareceu, não tendo nós dinheiro e encontrando-nos sem recursos economicos para fazer face ás loucas despesas creadas e sem força para debellar os costumes de dissipação já profundamente inveterados.

Mas o systema politico alimentado pelas *patrulhas* continua nos varios governos *extra-partidarios* e o mal avança. Só quando a ultima situação se apresenta aberrantemente partidaria, á parte a falta de cohesão entre os seus membros, e o partido contrario se compenetra, n'uma disciplina admiravel, dos seus deveres de patriotismo e todos (dos dois grandes partidos) se combinam em empenhar as suas forças n'uma acção commum, as difficuldades começam a desaparecer, renascendo a esperanza de as ver completamente desfeitas.

Parece-nos, pois, mais uma vez o dizemos, que uma boa politica é a base essencial da nossa regeneração, consistindo para o nosso paiz, no momento actual, *boa politica* a reorganisação dos dois grandes partidos, partilhando o poder como representantes de collectividades e não de *patrulhas* ou *individualidades*.

N'este sentido, se nos afigura, devem ser empenhados os esforços, principalmente do governo, agora que se encontra desafogado de mesquinhos combates politicos e em condições excepçoes de bem servir a patria.

No dia 28 do passado mez falleceu em Anadia a ex.^{ma} sr.^a D. Justina Emilia Cancellata Seabra, viuva do celebre jurisconsulto Alexandre de Seabra, sogra do sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Era a finada senhora modelo das mais distinctas virtudes, havendo sido esposa dedicadissima, mãe cheia de disvellos e carinhos e protectora amantissima da pobreza, que n'este momento chorará amarguradamente a perda que soffre, e por certo recordará de futuro as nobilissimas qualidades d'um casal, agora extinto, a quem deveu por largos annos o amparo e o conforto, sempre dispensados com o espirito caritativo de almas *d'elite*.

A desventurada senhora exhalou o ultimo suspiro rodeada de suas ex.^{mas} filha

e netas, que decerto saberão continuar as virtudes, que aliás já possuem, de sua estremecida mãe e avó.

Associando-nos á dor que punge n'este momento o nosso illustre chefe o sr. conselheiro José Luciano de Castro e toda a sua distincta familia, cumprimos respeitosamente um dever de partidarios leaes e amigos dedicados.

De regresso da sua propriedade *El Cuco*, passou na quinta-feira á tarde na estação d'esta villa, em direcção a Lisboa, o nosso presado amigo sr. Alberto Rodrigues Centeno.

Foi cumprimentado na estação por alguns dos seus amigos d'esta villa.

As syndicancias

No meio da immoralidade governativa que ha uns annos a esta parte nos rege e com a qual muitos se delectam, considerando como verdadeiros lunaticos os que ainda têm a coragem de apregoar e defender as boas acções e a verdadeira doutrina, regosijando-se em ver a publica defeza dos actos condemnaveis pela moral e bons principios, alcunhando de *innocentes* a todos os que se deixam guiar pelo bom senso, e de esperios e verdadeiros sabedores de viver os que tem por norma e fim o abandono da dignidade propria e peculiar a todo o cidadão; no meio da injustiça geral que tudo e todos avassal-a, pondo a coberto e até premiando os verdadeiros delinquentes, punindo ou censurando os que obram segundo os dictames d'uma consciencia sã, recta e honrada; no meio d'esta desorientação continua, segundo a qual cada um vê as coisas conforme o prisma por que as examina e encara, desvirtuando tudo que tenha o colorido de bom e justo, e apoiando calorosamente tudo o que seja contrario áquillo; no meio d'esta *débáche* que abre as enormes fauces para nos tragar, surge, de quando em quando, um simulacro de reacção, a esta corrente, por parte dos poderes superiores.

Dizemos simulacro porque, na realidade d'isso não passa, servindo antes essas medidas, pela maneira porque são executadas, para mais confirmar a opinião geral de que, ellas não passam d'uma verdadeira comedia obrigada a representação afim de lançar um véo sobre os olhos do publico que reclama providencias.

Um exemplo d'estas verdades, são as syndicancias.

FOLHETIM

(2) OS SEDUCTORES

(GYP)
O DE PROFISSÃO

M. de Orange.—Ah! se começa a troçar do que é respeitavel!...

Madame de Flirt.—Respeitavel??? Oh! não! mas... o senhor tem phrases sublimes! O que ha de respeitavel aqui?... não vejo em absoluto... a menos que... na sua idade...

M. de Orange.—A minha idade, a minha idade... E' certo que entre um rapazelho e eu ha alguma differença...

Mm. de Flirt.—Isso lá!...

M. de Orange.—Mas simplesmente vantajosa para mim.

Mm. de Flirt.—O sr. surprehende-me!...

M. de Orange.—Não seria eu, por exemplo, quem comprometteria estupidamente a mulher que viesse ver-me, tomando um quarto em um bairro perdido onde a-sua presença e sobretudo a da sua carruagem não podesse passar desapercibida.

Mm. de Flirt, *franziu o sobrolho (á parte)*.—E' de muito mau, tem esta allusão a de Tremble!... produz pessimo effeito! A raiva

d'aquelles que não têm por si mais do que o *savoir faire*... Com que então o sujeitinho seguiu-me elle proprio? E' um velho estúpido de este de Orange!...

M. de Orange (continuando).—Em minha casa aquellas que me fazem a graça de me visitar não correm risco algum... Tive o cuidado de me alojar em um dos sitios mais concorridos de Paris; ha na mesma escada uma costureira e uma modista... Têm pois mil pretextos para entrar aqui e circular sem dar pasto aos commentarios...

Mm. de Flirt, *um pouco nervosa*.—E' admiravel!... O senhor é um seductor modelo, reconheço! Enquanto aos meios, pelo menos! (á parte). E' um modo de vida!... (Rindo). Mostra-me os seus quadros agora?... mas depressa...

M. de Orange.—Depressa para quê? Está desejava de me deixar?...

Mm. de Flirt.—Não estou desejava de o deixar... estou desejava de me ir embora...

M. de Orange.—Dir-se-ia que está inquieto? E' a reputação da minha casa que a assusta?

Mm. de Flirt.—A reputação?... Tem uma reputação a sua casa?

M. de Orange.—Oh! decerto!

Mm. de Flirt.—E qual é?

M. de Orange.—Mas... é muito difficil di-

zer... (á parte). Será ella estúpida até este ponto?...

Mm. de Flirt, *trocista*.—Oh! já sei!... E' o «tumulo da virtude das mulheres»... O senhor deve gostar d'este estylo!...

M. de Orange, *vaidoso*.—Hum!... Ha um certo numero que aqui se têm succedido e aqui têm deixado...

Mm. de Flirt.—As suas illusões?... Compreendendo muito bem.

M. de Orange, *secamente*.—Não, os meus prejuizos...

Mm. Flirt, *rindo*.—Eis uma cousa que me seria difficil deixar em qualquer parte!

M. de Orange.—Vou illuminar... Entra no quarto.

Mm. de Flirt.—E' então isto a casa d'um pessimo sujeito!... Tinham-me feito a descripção encantadora muito acima da realidade! E' verdade que era o proprio sr. de Orange que descrevia! Aho isto triste! Estas paredes capitennadas! até agora não me tenho divertido!... Fita-me amavelmente o sr. de Orange?... mas o que tenho eu com isso!...

M. de Orange, *voltando*.—Quando v. ex.^a quizer entrar... O santuario só espera a sacerdotisa...

Mm. de Flirt (á parte).—Meu Deus!... que de estupidas phrases! Levanta-se.

M. de Orange, *passando-lhe docemente o*

braço em volta da cintura.—Vem?

Mm. de Flirt, *estupefacta recuando brusamente*.—O quê?... O que foi que lhe deu?

M. de Orange (á parte).—Vae resistir-me, desconfiemos...

(*Entram no quarto que M. Flirt inspecciona rapidamente com um olhar. Em voz alta*). O meu modesto recinto, terá por acaso a dita de lhe agradar?

Mm. de Flirt.—Acho-lhe muitos espelhos!

M. de Orange, *sorrindo finamente*.—Ninguem se queixou ainda por elles serem demasiados...

Mm. de Flirt.—E' questão de gosto!... Eu não gosto!... ah!... esta estatua de Leda é muito bonita!...

M. de Orange.—Não é verdade?

Mm. de Flirt.—Mas eu já a conhecia...

M. de Orange, *designando um quadro que estava por cima da Leda*.—E este? V. ex.^a não conhecia este imaginio eu?...

Mm. de Flirt.—Não, decerto...

M. de Orange.—E o que diz?

Mm. de Flirt.—Acho-o muito feio!

M. de Orange, *estupefacto*.—Feio!!!

Mm. de Flirt.—Sim muito feio!... E' uma crosta!... Uma crosta *fresca*... mas, finalmente, uma crosta!

(Continua.)

Que resulta o: têm advindo das syndican-
cias e que representam ellas entre nós?

Na maioria dos casos, coisa nenhuma e
resultados nulos.

O publico descobre irregularidades n'uma
repartição e pede providencias, a imprensa,
fazendo-se echo d'esse pedido, narra os fac-
tos e chama para elles a attenção de quem
competir, os poderes superiores, depois de
por muito tempo se terem conservado surdos,
resolvem finalmente ordenar uma syndican-
cia. Os jornaes bem informadas publicam lo-
go uma noticia concebida mais ou menos nos
seguintes termos:

«*Em vista das reclamações do publico, or-
denou-se uma syndicançia á repartição de tal
e foi nomeado syndicante F.*»

Esta noticia publicada n'um jornal é logo
copiada por outros e assim divulgada por to-
das as cidades, villas e aldeias, porque não
ha terra, por mais insignificante, onde não
seja lido mais d'um jornal.

Claro está que por este meio está feito o
aviso ao syndicado e elle tem tempo mais
que sufficiente ou para fugir, ou então para
pôr tudo em ordem, embora, logo que o syn-
dicante dê costas, volte tudo ao estado ante-
rior.

Outras vezes é o proprio syndicante que
com anticipação se encarrega de directa ou
indirectamente levar ao conhecimento do syn-
dicado, que se vae proceder a uma tal me-
dida.

E então quem podesse espreitar a repar-
tição observaria o extraordinario movimento
e trabalho que n'ella se dá, prolongando-se
pelas horas mortas da noite até de manhã,
e veria todos os empregados em extraordinaria
azafama regularizando tudo para que ao che-
gar o syndicante encontre tudo na melhor
ordem possivel.

D'este modo o syndicado pavoneia-se ao
publico como sendo o modelo dos empregados.

Outras vezes as syndicançias são ordena-
das não com o fim de prevenir ou atalhar o
mal mas sim para o remediar, quando reme-
dio já não ha.

N'este caso estão os factos succedidos ain-
da não ha muito em Evora, Guimarães, Por-
talegre etc.

Entre nós tem um especial cabimento o
velho proverbio:

depois de roubado tranças novas

Se as syndicançias fossem uma coisa sé-
ria, sem prevenção de especie alguma ao syn-
dicado, muito mal se remedearia e muita falta
se descobriria.

Se aos primeiros indícios se procedesse
d'um modo energico e de subito, os que ti-
vessem tudo regular ficariam illibados da
suspeita, e os que commettessem faltas, se-
riam por ellas castigados. E assim o publico
ficaria desenganado, ter-se-ia feito justiça a to-
dos e ficar-se-iam conhecendo os empregados
bons e os maus, os que cumprem os seus
deveres e os que, menos diligentes no exer-
cicio das suas funcções, não têm em estado
regular as repartições a seu cargo.

O partido do sr. Marçal Pacheco foi a Faro
apresentar-se ao sr. dr. Matheus Teixeira,
novo governador civil. Dizem-nos que ia lu-
zido em padres.

O que lá disse ao novo magistrado não o
sabemos, mas é de crer que prestasse vas-
salagem, se bem que logo pouco depois lhe
mandou dizer que *não era progressista, nem
regenerador, nem recebia inspiração de pessoa
alguma.*

Não sabemos se o sr. dr. Matheus Teixei-
ra vê bem?

O sr. Marçal Pacheco é uma meiga pomba
sem fel e nunca soube andar de mal com qual-
quer ministro do reino, e muito menos com o
sr. João Franco, que é um grande estadista;
mas ahí para os lados de Faro e Oihão ha
dois pombos de ampla guia, arrufados, cujos
arrulhos encantam tam em a meiga pombinha,
de forma que, sim—o sr. dr. Matheus Teixei-
ra, delegado especial do sr. João Franco, pode
contar... etc., mas não pode inspirar, porque
os pombos e tal... sim... não sabemos se o sr.
Matheus Teixeira vê bem.

Licença:—Partiu para Lisboa, no goso
de 30 dias de licença, o sr. João Carlos Adrião,
muj digno chefe do departamento maritimo
do sul.

Foram mandadas retirar da praça, que es-
tava annunciada para o dia 23 do corrente,
as propriedades que constituem o estabeleci-
mento thermal de Monchique.

Typhos:—Em varios pontos do paiz
se tem manifestado o typho com intensidade
e resultados fataes.

De Lagos sabemos que têm ali morrido
muitas pessoas atacadas da terrível doença.

Parece que este anno tem apparecido con-
dições favoraveis ao desenvolvimento e pro-
pagação a tão mortifera molestia; pelo que
todas as cautellas devem empregar-se.

Não nos consta que em Loulé se tenha da-
do este anno um caso de febre typhoide, mas
temos a certeza que a povoação se acha em
pessimo estado de limpeza para que seja de
receiar o apparecimento e o desenvolvimento
do typho.

Partiu para Boliquireme o nosso amigo sr.
Francisco Alvares Romero, que ali está á
frente do estabelecimento que o nosso amigo
sr. Manoel Rodrigues Corrêa tem n'aquella
povoação.

Francisco Alvares Romero, não podendo,
(como desejava) em consequencia da sua pre-
cipitada partida, despedir-se dos seus ami-
gos, vem fazel-o por este meio, offerecendo a
todos o seu limitadissimo prestimo em Boli-
quireme, para onde mudou a sua residencia.

Fallecimento:—Na manhã de quin-
ta-feira passada o nosso amigo sr. José Vas-
ques foi ferido no seu coração de pae por um
golpe dolorosissimo que lhe vibrou a morte,
arrebato-lhe do carinho da familia a sua
querida filhinha mais velha.

Aos inconsolaveis paes enviamos a expres-
são do nosso sentimento por tão triste acon-
tecimento.

Partiu para Penamacôr a fim de tomar pos-
se do cargo de juiz municipal d'aquelle jul-
gado o sr. dr. Antonio José do Valle Galvão.

Dissemos aqui, estranhando, que havia sido
suprimida a iluminação publica enquanto que
as obras do theatro continuavam com extraor-
dinario empenho; e commentámos apenas com
a seguinte phrase:—*cada um governa-se.*

Vae senão quando, somos mais uma vez in-
juriados porque *quizemos insultar o honrado
vereador do pelouro da iluminação!*

*Está-lhes na massa do sangue o germen da
intriça; até fazem uso d'ella quando não é
necessaria!*

Ora, é melhor guardar tão distincto dom
para occasião mais proveitosa. As nossas re-
lações com o vereador do pelouro da illumi-
nação já não carecem de mais intriga.

Mas o curioso é o modo porque se defen-
de o vereador do pelouro da iluminação, al-
legando que é costume antiquissimo suprimir
n'esta epocha a iluminação publica! De ma-
neira que, desde que o *costume é antiquissimo,*
deve respeitar-se e seguir-se.

Está muito bem.
Fica entendido que devemos continuar na
escuridade durante as noites de verão e sup-
portar com paciencia todos os disparates que
o uso *antiquissimo* tenha estabelecido, v. g.,
vereadores que mal sabem fazer o seu nome,
calumniadores *d'officio* e intrigantes por indol-
le. Tudo isto lá vem muito de traz.

Vimos n'esta villa na passada semana o
sr. Antonio Lopes dos Prazeres, dignissimo
administrador do Morgado de Quarteira.

Regressou hontem de Lisboa, onde foi fa-
zer uso das aguas do Arsenal, o nosso parti-
cular amigo sr. José Joaquim Rocha Junior.

De visita a seus queri los paes e irmãos
esteve n'esta villa, sua terra natal o nosso ami-
go e assignante sr. Francisco Sant'Anna Flo-
res, residente em Estoy.

Ha muita gente que padece e pretende es-
conder a sua molestia; mas muitas vezes acon-
tece que, inconscientemente pondo os dedos
nos pontos dolorosos augmenta o soffrimento
de tal maneira que revella, ainda aos meños
experimentados, a lesão que a tortura.

Assim está acontecendo á politica do sr.
Marçal Pacheco em Loulé; sentindo-se fraca
pela falta d'apoio por parte dos principaes
influentes do concelho, pretende occultar a
anemia que a ameaça de morte, alardeando
com o pobre velho ainda têm o arrojo, de-
pois de vilmente se recusarem a explicações
pessoaes, de vir a publico declarar que não
declinam responsabilidades!
E o sr. delegado do procurador regio as-
siste a tudo isto deslumbrado nas bellezas da
honesta politica do sr. Marçal Pacheco, man-
tendo uma imparcialidade unica e admiravel!

co são uns *insignificantes*, mas o sr. Marçal
não duvida baixar até a mandar abrir uma
campanha de descredito para os annular!

São uns *insignificantes* os adversarios do
sr. Marçal Pacheco, mas de tal modo são ata-
cados, que todos ficam convencidos de que
têm alguma valia e que é isso que *doe á ho-
nesta politica* do sr. Marçal Pacheco.

Continuem, que vão bem.

Do sr. Antonio Pedro Romeira, editor do
Algarvio recebeu o nosso querido amigo e di-
rector politico a seguinte carta:

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. dr. Lança.—Peço a v. ex.^a
a fineza de declarar no seu jornal o *Louleta-
no* que no dia 24 de março do corrente anno
enviei aos srs. Delegado do Procurador Regio
e Administrador do concelho as participações
competentes declinando a responsabilidade de
editor do jornal o *Algarvio*.

Na mesma data communiquei tambem por
carta ao sr. dr. Athayde a conteudo das refe-
ridas participações.

Esta minha resolução foi simplesmente mo-
tivada pelo facto de se caluniar e injuriar
no jornal em que eu figurava como unico res-
ponsavel, sem escrever uma palavra, um ver-
dadeiro homem de bem como v. ex.^a, a quem
devo a salvação na minha ultima doença, de
quem não tenho recebido sempre senão os
maiores obsequios e de quem me cumpre
confessar-me eternamente grato.

Havendo logo communicado verbalmente
a v. ex.^a em 25 de março que tinha manda-
do as participações, conforme a lei presereve,
para deixar de ser editor do *Algarvio*, tenho
estado tranquillo com a minha consciencia,
supondo que responsabilidade alguma me
adviria, embora o meu nome continuasse a
figurar no jornal, mas vendo que no ultimo
numero do *Algarvio* se diz que eu tenho a
responsabilidade do que se escreve n'aquelle
jornal, cumpre-me tornar publico o que deixo
exposto e por isso venho mais uma vez im-
portunar a v. ex.^a solicitando me dispense
mais este favor

De v. ex.^a m.^o obg.,

Antonio Pedro Romeiras.

Nos conheciamos de ha muito os factos
expostos na carta do sr. Romeira; e se sobre
elles temos guardado silencio tem sido unica-
mente por nos ser indifferente que seja *este*
ou *aquelle* o edictor d'um jornal escripto por
individuos sem dignidade nem imputação.

Quando apoz longo tempo de torpes insi-
nuações, de constantes calumnias encapotadas,
o nome do medico Lança appareceu em letra
redonda insultado n'uma local do *Algarvio*,
este nosso querido amigo não querendo levar
aos tribunaes o pobre do edictor que culpa
alguma tinha, encaregou-o no entanto de sa-
ber quem assumia a responsabilidade da re-
ferida local.

Promptamente o sr. Romeira se desem-
penhou da sua missão trazendo como resposta:
«Chame o jornal aos tribunaes que lá apa-
recerá quem tome a responsabilidade».

Era manifesto o proposito do insultador
de se esquivar a explicações pessoaes, pon-
do-se tambem a coberto dos tribunaes pelo
editor, de quem sabia o medico Lança ser
amigo, e porventura pela possibilidade de lá
mandar algum desgraçado em seu logar.

N'esta conjuntura o nosso director asse-
gurou ao sr. Romeira que para o futuro lhe
seria indifferente tudo o que fosse publicado
no jornal o *Algarvio* e que podia estar des-
cangado que nunca por elle seria chamado
aos tribunaes; aconselhou-o no entanto a que
resignasse a responsabilidade do jornal, por-
que outro qualquer que tambem fosse insultado
poderia não pensar do mesmo modo e
fazel-o soffrer.

No dia seguinte, áquelle em que estas cou-
sas se passavam, o sr. Romeira remetteu aos
srs. dr. delegado e administrador do conce-
lho participações, que nós vimos competen-
tamente legalizadas, declinando o cargo de
edictor do *Algarvio* ao mesmo tempo que
tambem participava em carta ao administra-
dor do jornal, padre Athayde, a resolução que
havia tomado.

Pois, não obstante, o sr. Romeira conti-
nuou e continua a figurar como edictor do
Algarvio!

E os miseraveis que se têm acobertado
com o pobre velho ainda têm o arrojo, de-
pois de vilmente se recusarem a explicações
pessoaes, de vir a publico declarar que não
declinam responsabilidades!

E o sr. delegado do procurador regio as-
siste a tudo isto deslumbrado nas bellezas da
honesta politica do sr. Marçal Pacheco, man-
tendo uma imparcialidade unica e admiravel!

No sr. administrador do concelho que re-
cebeu a participação do sr. Romeira nem fal-
lemos; figura agora, talvez, como uma das
primeiras influencias politicas de Loulé e aca-
lentado na recordação saudosa dos seus *glo-
riosos tempos de governo!*

Mas como tudo isto é para mais *honra e
gloria da honesta politica* do sr. Marçal Pa-
checo... nem bico.

Ouvimos que parte do *partido* do sr. Mar-
çal Pacheco, incusivê o rev. padre Miranda
novo prior da freguezia de S. Sebastião d'esta
villa, fôra em commissão, no dia da apresen-
tação ao sr. dr. Matheus Teixeira, ao paço
episcopal solicitar mais uma vez do sr. Arce-
bispo-bispo, que a festa da Piedade se reali-
sasse na igreja de S. Clemente.

Consta-nos tambem que o sr. arcebispo-
bispo indeferira, *tambem mais uma vez*, a pre-
tensão do partido do sr. Marçal Pacheco; não
podemos, porém, assegurar que o illustre pre-
lado algarvio fizesse sentir ao rev. padre Mi-
randa a imprudencia da sua conducta, fazen-
do parte d'uma commissão que pretendia pos-
tergar os seus proprios direitos e os da fre-
guezia que pastorea apenas ha poucos dias.

De Faro, onde foi procurar allivio aos seus
males, regressou a esta villa o sr. José Joa-
quim Teixeira Maldonado.

Este nosso amigo vem um pouco mais al-
iviado dos seus incommodos.

Desleixo ou proposito?

A correspondencia de Lisboa, para o *Lou-
letano*, que chegou a Loulé no dia 29 de ju-
lho, só nos foi entregue no dia 30 de manhã
quando o jornal já até havia sido distribuido.

Isto podemos evidentemente provar pela
marca do correio de Loulé (29) e a declara-
ção do respectivo carteiro que só fez a entre-
ga no domingo (30).

Ora se nós acreditássemos na doutrina dos
lacaíos do sr. Marçal Pacheco, que prega que
*não deve merecer confiança profissional o indi-
viduo politico*, concluiríamos immediatamente
que o sr. director do correio de Loulé, pro-
positadamente fizera retardar a entrega da
correspondencia com o fim de nos prejudicar.

E, com tanto mais logica tirariamos esta
conclusão, quanto é certo por ser publico e no-
torio que o sr. director do correio d'esta villa
é um dos adeptos mais facciosos da *honesta po-
litica* do sr. Marçal Pacheco, havendo tomado
parte nas tristemente celebres manifestações
contra a colonia hespanhola e nas arruaças em
louvor e gloria do sr. Marçal Pacheco quan-
do foi do *pariato vitalicio*.

Mas nós não lemos nem queremos ler pe-
lo cathecismo da *honesta politica* do sr. Mar-
çal e estamos certos que, sendo-nos demora-
do 24 horas a entrega de um manuscripto
para o nosso jornal, de forma a não poder
ser já publicado, não foi intenção do sr. di-
rector do correio crear-nos difficuldades, —
desleixo, nada mais.

Em todo o caso esperamos que factos d'es-
ta ordem se não repitam, sendo o sr. director
do correio mais cuidadoso no desempenho do
seu cargo, de modo a não nos prejudicar nem
dar aso a suspeitas malevolas com fundamen-
to plausivel.

O sr. Manoel Radrigues Garcia, mui ze-
loso e activo empregado do nosso amigo sr.
Manoel Rodrigues Corrêa, mudou a sua resi-
dencia de Boliquireme para esta villa, onde se
acha estabelecido.

Manoel Rodrigues Garcia, tendo de reti-
rar-se de Boliquireme com alguma precipita-
ção e não podendo por isso despedir-se das
pessoas de suas relações e amizade, vem por
este meio fazel-o offerecendo a todos o seu
mesquinho prestimo n'esta villa, onde se acha
actualmente.

Loulé, 4 d'Agosto de 1893.

O sr. Marçal Pacheco não quer que nos
occupemos da sua *augusta pessoa*. Faz muito
bem e todos lhe hão de louvar a acção.

Mas, segundo nos parece, o *illustre proce-
re* das *faras pretas* não conseguirá o seu fim,
permittindo que continue a campanha de di-
famação, que *expressamente* ordenou aos seus
lacaíos, contra quem só o aggravou não seguin-
do a sua *honesta politica*.

*Quem diz ou manda dizer o que quer...
ouce o que não quer.*

E nós temos dito ainda tão pouco!...

Parece estar assente que a vaga de depu-
tado pelo circulo de Tavira será prehenchida
pelo sr. Guimarães Serodio, official do exer-
cito.

De Villa Nova dos Castillejos (Hespanha) regressou na quarta-feira a esta villa a ex.^{ma} esposa do nosso bom amigo Domingos Rodrigues Marques honrado e bemquisto commerciante da nossa praça.

Foi o sr. Marçal Pacheco quem muitas vezes disse e repeliu que o sr. dr. Virgilio Inglez devia a sua candidatura ao medico Lança; e, como já aqui tivemos occasião d'indicar, esta afirmativa do sr. Marçal Pacheco pode ser testemunhada por cavalheiros respeitáveis e insuspeitos.

Pois os lacaios do sr. Marçal Pacheco *passados* de quem haja quem suponha ou considere o medico Lança capaz d'eleger deputados, exclamam:

«Já é ser estúpido!»

O patrão que lhes agradeça.

A questão de Sião

Parece estar resolvida por agora a questão levantada entre a França e Sião.

A intriga alemã de mãos dadas com a ingleza levaram o rei de Sião a levantar dificuldades á França afim de ver se esta receiando a colligação anglo-alemã, cedida ás impertinencias dos siamezes; mas a França uma nação poderosa e bem armada, conhecendo a intriga, não se acobardou e respondeu a Sião com um *ultimatum* e com o bloqueio immediato, se aquelle não fosse aceite.

Mesmo em face d'esta attitudé energica da França, a intriga em Sião continuou e houve hesitações sobre se devia ou não aceitar-se o *ultimatum* francez com todas as condições impostas n'elle, até que, em conselho presidido pelo rei, o partido da paz triumphou e immediatamente se transmitiu ordem ao ministro de Sião, junto da republica franceza, para communicar a este governo que o *ultimatum* era aceite obrigando-se a pagar a indemnisação pedida pela França.

Os jornaes inglezes e allemães deixam claramente ver o despeito pelo triumpho alcançado pela França, chegando um jornal inglez a declarar que os coraçãos inglezes facilmente meteriam a pique as canhoneiras francezas; por outro lado os allemães declaram que apesar das suas sympathias pela Inglaterra estimariam muito um conflicto entre esta nação e a França.

Os jornaes russos são unanimes em felicitar a França pelo triumpho diplomatico obtido no conflicto com Sião.

Acham-se actualmente nas costas d'aquelle reino treze navios de guerra francezes e o almirante Humann intimou os commandantes dos navios inglezes a deixarem-lhe o campo livre.

A Inglaterra, só forte com os fracos, entendeu que era melhor encolher as garras deante da attitudé energica da França.

As intrigas anglo-alemãs não surtiram effeito d'esta vez, porque o governo siamez submetteu-se aos desejos da França, parecendo por isso terminado o conflicto, pagando Sião as indemnisações reclamadas pela França.

Neerologia

Depois d'uma pertinaz doença, e quando seus extremosissimos paes eram docemente embalados pela inexprimivel alegria d'uma apparente melhora, que se manifestou no dia dois, saindo a passear n'essa mesma tarde, foi, na madrugada do dia tres, tocada pela negra aza da morte e assim arrebatada aos santos affectos de seus queridos paes, a minha amiguinha *Mariquita*, filhinha extremecida do meu amigo José Martins Vasques.

Na descuidosa e feliz idade de nove annos e antes que a baba peçonhenta da vil maledicencia tentasse envenenar a tua pureza, fugiste da terra para que nunca chegasses a libar as amarguras do fel da existencia, sendo, por isso, completa a tua felicidade; mas na tua fuga rasgaste o coração de teus affectuosos paes, que inconsolaveis deploram a perda da sua querida *Mariquita*!

Subiste ao ceu, querido anjo, mas não morreste!... Escondeste-te aos olhos dos profanos, virgem immaculada, mas não morreste! Fugiste d'este misero valle de lagrimas, indigno de possuir tanta pureza, que só tem guardada na manção celeste, mas não morreste!... Não morreste, não, que os anjos não morrem!... Hoje, mais que nunca, occupas tu um lugar importante na dilacerada alma de teus consternados paes, que eternamente escutarão o ecco das tuas derradeiras palavras!...

Sirva ao menos de lenitivo a teus contristados paes a lisonjeira idéa de que na côrte celestial tens o teu lugar entre os anjos.

A teus inconsolaveis paes a sincera expressão do meu fundo pesar, para ti uma sentida lagrima de amarga saudade.

Dorme e descança em paz, querido anjo.
Loulé, 5 d'agosto de 1893.

A. C. Vieira.

Lisboa, 2 de agosto

Na minha anterior correspondencia resumi o occorrido na ultima assembléa geral da Associação Commercial de Lisboa, e referime á attitudé tomada por esta Associação perante o governo no respeitante á marcha da administração publica.

Em cumprimento das deliberações ali tomadas, a direcção da Associação já procurou resolver de accordo com o director da alfandega as pequenas difficuldades levantadas pela execução da nova lei do sello, e hoje vai entregar ao sr. presidente do conselho uma representação, pedindo-lhe a suspensão da lei da contribuição industrial, até ser nova e devidamente revista pelo parlamento.

Veremos o que o governo resolve sobre tão momentosa e importante questão, e a attitudé que a Associação tomará, caso aquelle pedido lhe não seja satisfeito.

O que é indispensavel, como por mais de uma vez temos dito, é que todos nos compenremos dos nossos deveres, principalmente n'estes dias afflictivos, que continuamos a passar, e que tanto ameaçam, a vida independente e a autonomia do nosso paiz.

Quando o sr. Dias Ferreira apresentou as suas malfadadas medidas fazendarias, tiveram ellas uma reprobção unanime, principalmente porque, baseadas no imposto indirecto, iam ferir de preferencia as classes pobres e desprotegidas.

Dissemos nós então, de accordo com opiniões muito auctorizadas e muito sensatas, que, visto a hora ser de sacrificio, aquelles se não recusavam a elles, contando que se reduzissem as despezas publicas ao restrictamente indispensavel, e que ao grande proprietario, ao grande commerciante, ao grande industrial, se impozessem sacrificios proporcionaes aos seus redditos, aos seus gosos ás suas luxuosas commodidades.

Vem as medidas do sr. Fuschini, e o que vemos? o seu projecto de lei de contribuição predial, combatido pela poderosa Associação dos proprietarios, nem logrou ser discutido na commissão de fazenda; o seu projecto de lei de contribuição industrial, que a respectiva commissão discutiu, e o parlamento igualmente discutiu e approvou, é tambem forte e veementemente combatido por quasi todas as associações commerciaes e industriaes do paiz.

Vemos o grande proprietario, o grande commerciante, o grande industrial, revoltarem-se contra esses proporcionaes sacrificios que o paiz lhe pede: não pôde ser.

Não queremos dizer que a obra do sr. Fuschini seja perfeita e completa, mas é innegavel que a sua orientação é boa; e o que seria, e o que é para desejar, é que essas poderosas associações, que justamente condemnaram os velhos processos de administração publica, e que tão alto e com tanta razão apregoam a vida nova; essas associações, que tantos e tão valiosos membros contam, que pela sua illustração, pela sua intelligencia e actividade bem pôdem servir a causa, ao mesmo tempo que defendem os seus interesses particulares e de classe, se compenrem dos interesses da collectividade, e sem paixão, *sem politica*, com patriotismo e hombridade, auxiliem o governo na melhor solução d'essas graves e importantes questões, que todos anheciam ver resolvidas, porque todos pôdem fazer com que melhore o dia d'amanhã.

Estamos certos, que nenhum governo recusará essa magnifica collaboração, parecendo que essas associações, cumprirão assim melhor a sua missão, tornando-se benemeritas não só das classes, que representam, mas de todo o paiz, a quem a sua obra assim tanto beneficiará.

Bom será tambem, que as dignas associações commerciaes, que tanto defendem os interesses da sua classe, cohibam quanto possivel para honra da mesma classe, os processos, que alguns, muitos dos seus membros empregam para auferir maiores lucros, defraudando o thesouro:

Toda a gente sabe que o processo porque mais se de frauda o thesouro é o contrabando, e que é o commercio, quem principalmente faz quasi todo o contrabando; as mercadorias sobre que se faz contrabando em maior escala no paiz são fazendas e tecidos, e curiosa coincidência, é d'estes artigos que

ha maior numero de estabelecimentos. Uma das mais sabias medidas tentadas a evitar o contrabando foi a lei da sellagem do sr. Marianno de Carvalho, mas essa lei apenas existe no papel, porque como todos sabem, o commercio, principalmente o alto commercio de Lisboa e Porto, ha de oppôr-se com toda a energia e vehemencia, deixando como documento legal para transitio de fazendas, tecidos, e de mais transacções, a *factura commercial*, documento sem duvida de muito credito, mas tambem o conductor que mais favorece os delictos de descaminho de direitos e contrabando, e melhor ludibria os agentes da fiscalisação.

Estudem pois as nobres associações commerciaes esta importante questão, empreguem os seus bons esforços para que o contrabando seja quanto possivel reprimido, porque com essa repressão augmentarão os redditos do thesouro, que assim poderá dispensar a todos nós maiores sacrificios.

Uma outra questão importantissima deve tambem merecer a attenção das illustres associações commerciaes: é ella já antiga e bem conhecida e a ella se refere hoje o sr. Teixeira Bastos no seu magnifico artigo de fundo do *Seculo* — O estrangeirismo industrial.

A contrafacções d'origem imposta pelo commerciante ao fabricante, e a que este tem de se sujeitar para vender os seus productos, é altamente lamentavel e condemnavel, e mais condemnavel ainda é essa exigencia do commerciante, para vender o producto como estrangeiro por preço muito superior ao seu valor real, explorando assim vilmente e ao mesmo tempo o productor e o consumidor.

Sabemos bem, que a maioria do nosso publico tem ainda a mania de só achar bom o que é estrangeiro, mas ao productor e ao commerciante competem fazer desaparecer esse preconceito, concorrendo assim para melhorar a educação industrial do nosso povo; o fabricante não aceitando simillhantes imposições do commerciante, este não descendo a meios tão baixos, tendentes a auferir maiores lucros.

Occupem-se pois d'esta importante questão as associações commerciaes e industriaes, porque assim prestarão um relevantissimo serviço ao paiz, fomentando o desenvolvimento da industria e do trabalho nacional.

Inaugurou-se, como sabem, na sexta-feira ultima a Exposição Industrial Portugueza, installada no edificio do museu industrial de Belem; como festa de civilisação, não podia deixar de ser uma festa solemne, que gratamente satisfizes a todos os que do coração se interessavam pelos progressos do paiz.

Ninguem poderá negar, que as nossas industrias têm progredido e muito mais do que era de esperar em tão pouco tempo; venceram a velha rotina, e adoptaram novos processos de fabricação, uma das causas do seu desenvolvimento.

O incentivo causado pelas successivas exposições portuguezas, que desde 1840 até hoje se têm celebrado com intervallos mais ou menos longos, a aprendizagem feita pelos nossos principaes industriaes nas exposições internacionaes, com que os paizes mais adelantados têm deslustrado o mundo trabalhador, a instrucção profissional com que Antonio Augusto de Aguiar dotou o paiz, e que dia a dia se vai desfazendo em opimos fructos; finalmente o proteccionismo que os governos nos ultimos annos têm dispensado ao trabalho nacional; são seguramente as causas determinantes d'este progresso, que n'esta sua brilhante manifestação a todos enche de jubilo, porque estamos convencidos, que no progresso do trabalho nacional está a verdadeira e solida regeneração economica e financeira do paiz.

Congratulemo-nos pois todos pelo feliz e brilhante exito de exposição, acerca da qual darei em ultteriores correspondencias aos leitores do *Louletano*, algumas resumidas noticias do mais interessante.

—A commissão encarregada de investigar as causas da emigração nos varios districtos do continente e ilhas dividiu assim os seus trabalhos: Braga e Vianna — Jeronymo Pimentel; Bragança e Villa Real — Firmino João Lopes; Porto e Aveiro — Conde de Castro; Coimbra, Leiria e Santarem — Cypriano Jardim; Lisboa — Marquez de Vallada; Evora, Beja e Portalegre — Ferreira Novaes; Faro e Castello Branco — Coelho de Carvalho; Vizeu e Guarda — Thomaz Ribeiro; Ilhas — Conde de Avila.

Resolveu tambem estudar a forma de se estabelecerem colonias agricolas, civis e militares, procurando-se d'esta forma evitar a emigração.

Fazemos votos para que sejam proficuos os trabalhos da commissão, e o governo se habilite a tomar as medidas energicas que reclama a cura d'um tão grande mal social.

Parece-nos que o governo não começaria mal esse trabalho, legislando convenientemente para as agencias de emigração, e punindo severamente os agentes, que, afastando-se do caminho legal, com tanta frequencia exploram vil e infamemente a miseria da classe operaria.

—Constou a um jornal, que n'um dos ultimos conselhos de ministros, se resolveu por unanimidade, que fossem dadas as ordens mais terminantes para cohibir o desbragamento de linguagem de certos jornaes republicanos, e que n'esse sentido dará o ministerio da justiça as instrucções necessarias aos delegados do procurador regio, para que façam cumprir a lei vigente.

Já na nossa anterior correspondencia nos referimos á desorientação que reina nos espiritos do partido republicano, principalmente depois da infeliz jornada de Badajoz.

Em todos os paizes, os poderes constituídos tratam de se defender dos seus inimigos internos e externos; e de fazer respeitar a todos os principios da ordem e a auctoridade; ora, se ás republicas assiste este direito, de que todos os dias estão fazendo uso, a coherencia e bom senso dos republicanos ha de reconhecer, que equal direito assiste ás monarchias, e isto sem detrimento da liberdade de pensar, da liberdade de fazer a sua propaganda, como melhor entenderem, mas dentro do caminho da legalidade e da ordem.

A França, quando entendeu que alguns dos seus funcionarios, desde os mais humildes até aos mais graduados, não só professavam idéas contrarias á nova ordem de cousas ali estabelecida, mas até guerreavam fortemente as suas novas instituições, dispensou-lhes os seus serviços, não poupando até a nova classe da magistratura.

Extranham os nossos republicanos, que alguns jornaes monarchicos aconselhem, que se proceda da mesma forma em Portugal, para com os funcionarios republicanos, que sejam empregados do estado, quer dos municipios, a quem seguramente não é defezo pensar como quizerem, mas a quem justamente é defezo *manobram* contra as instituições que os sustentam.

A nós parece-nos ser esta a verdadeira doutrina, um empregado do commercio, por exemplo, que tem ou julga ter interesses contrarios aos do proprietario do estabelecimento, que serve, se é leal, e quer defender esses interesses, resigna o seu logar, e depois trabalha á vontade; se não é leal, e trabalha em prol dos seus interesses em detrimento dos do patrão, não deve extranhar, que este lhe dispense os serviços, tornando-o responsavel pelos danos, que lhe tiver causado.

É' perfeitamente justo, perfeitamente racional e logico, e ninguem contestará que se as cousas assim se passam ou devem passar entre particulares, da mesma forma se devem passar entre os Estados ou os municipios e os seus funcionarios.

Não somos partidarios das perseguições, não as aconselhamos nem as desejamos, mas bom é que os funcionarios, que se dizem republicanos, cumpram a sua missão com a lealdade que cremos honrar os seus caracteres, e que seguramente deve ser uma das qualidades do credo politico, que com tanta fé professam.

Creiam que a nação só será republicana, quando a sua grande maioria assim o entender e quizer, mas não por imposição d'alguns ambiciosos, que talvez acima do seu ideal politico só aspiram a ser os governantes de amanhã.

—Preoccupá, e muito justamente, a attenção dos poderes publicos a questão da falta de trabalho.

Nesta epocha do anno em que geralmente o operariado encontra com facilidade trabalho, a crise operaria que tanto fez sentir no ultimo inverno, minorou a verdade como era de esperar, mas não foi de todo debellada e é de receiar e de prever, que ella redobrá de gravidade ao approximar-se o novo inverno, visto que as causas, que a determinaram, ainda não cessaram de actuar.

É' uma questão importantissima, em cuja solução tanto as camaras municipaes como o governo devem já ir pensando, empregando todos os esforços para minorar os males provenientes d'essa crise, que já agora só desaparecerá de todo, quando mudarem as circunstancias miseraveis da nossa situação.

(Do nosso correspondente).

ANNUNCIOS

VENDA DE PREDIO RUSTICO

Vende-se uma horta na Quinta do Cadoiço, suburbios d'esta villa, com arvoredo e terras de semear.

Quem pretender dirija-se á R. Nova da Piedade a casa da viuva de Joaquim Alexandre.

NOVA MERCEARIA
DE
J. M. CAMPOS
RUA DA CONCEIÇÃO
LOULÉ

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir o seu estabelecimento de mercearias onde encontram um completo e variado sortido de generos de primeira qualidade, taes como: assucar, manteiga, farinha, genero, cognac, licores e diversos artigos de quinilherias, que vende por preços reduzidos.

PASTA DENTIFRICA
INCOMPARAVEL
KALODONT

Aromatica. Refrigerante. Agradabilissima para limpar a bocca depois das refeições ou de fumar, muito commoda para viagem. Approvada pela auctoridade sanitaria. Não affecta o esmalte por mais delicado que seja.

BELLEZA DOS DENTES

EXITO NOTAVEL. EXPERIMENTAL-A É ADOPTAL-A.

Preço de cada caixa 300 réis. A venda no estabelecimento de

Manoel Rodrigues Corrêa

LARGO DE S. FRANCISCO—LOULÉ

Assucar em quadrados para chá ou café. Novidade na terra. A venda no mesmo estabelecimento.

ATTENÇÃO!...

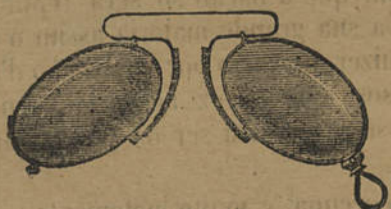
PABLO GARCIA DELGADO, com estabelecimento de fazendas de algodão, linho, seda e lã, participa a todos os seus freguezes e ao publico em geral, que acaba de receber um bonito e variado sortido de fazendas proprias para a estação de verão tanto para senhoras como para cavalheiros:

Consta de selins-ricos-escocezes, irenes, chitas finas, primaveras, percaes, lãs para vestidos e sedas, tudo da ultima novidade.

Lenços de seda em cores, brancos e pretos. Casomiras meltons e cheviotes, e tudo vende por preços sem competencia!

Pede que visitem o seu estabelecimento na rua de S. Sebastião, n.º 68, 70, 72, 74, e Largo da Barbacem, 10 e 12.

GRANDE E COMPLETO SORTIDO
DE
OCULOS E LUNETAS



EM TODOS OS GRAUS

Louças, vidros, candieiros e relosjos vindos directamente do estrangeiro.

Quinilherias, bijouterias e outros artigos de novidade no estabelecimento de

Manoel Rodrigues Corrêa

LARGO DE S. FRANCISCO

IMPRESSOS

Acham-se á venda n'esta typogra-

phia impressos para Mappas estatisticos do movimento parochial mensal, a 100 réis cada caderno.

HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

VENDA DE CASAS

QUEM pretender comprar doze moradas de casas terreas constando cada morada, de casa de fóra, cosinha e quintal, situadas na rua da Ponte Nova, nos suburbios d'esta villa, dirija-se a João Antonio Rodrigues Meilha, seu proprietario.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

RELOGIOS, VELOCIPEDES E PIANOS

MANOEL RODRIGUES CORRÊA

LOULÉ

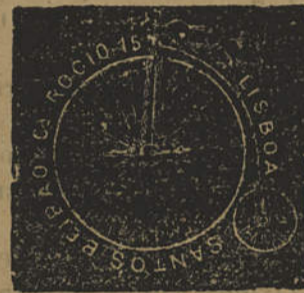
REPRESENTANTE DA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.ª

LISBOA



Unicos vendedores da celebre machina **Memoria** que é sem exagero a melhor machina de costura, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas. Tem tambem machinas para sapateiro e alfaiate, assim como de fazer meias, que têm dado maravilhosos resultados, podendo uma mulher fazer 30 a 36 pares de meias por dia. Vende a prompto pagamento ou a prestações. Ensino e concerto gratis para todas as machinas compradas n'este deposito.

Unica agencia da Companhia dos Tabacos de Portugal NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas para esta zona nas mesmas condições que a referida Companhia. Deposito em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

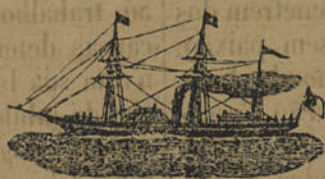
Armazem de vinhos, aguardente, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão e obra de empreita.

Estabelecimento de mercearias, ferragens, drogas, candieiros, louças, vidros, quinilherias, bijouterias e

MUITOS ARTIGOS DE NOVIDADE

PREÇOS COMMODOS

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA
de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.

GUIA

DOS

CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTENDO O DECRETO

DE 6 DE AGOSTO DE 1892

QUE APPROVOU

A Reforma Administrativa
E TODAS

As alterações que tem soffrido o Codigo Administrativo de 1886, desde a sua publicação até ao presente, dispostas pela ordem dos artigos do mesmo codigo.

Publicação util a todos os presidentes, vereadores e secretarios das camaras municipaes, administradores de concelho, membros das commissões districtaes, das juntas de parochia e em geral a todas as pessoas que tras tem de negocios administrativos.

PREÇO 200 RÉIS

Pedidos ao edictor A. J. Rodrigues
RUA LUZ SORIANO, 100, 1.º

PHOSPHOROS

Amorphos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Unica que apresenta o artigo tão aperfeiçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS

LISBOA

HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º e 2.º ANDAR

LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 1\$000 réis por dia, um bom tramento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,
Luiz Augusto Brandão.

TYPOGRAPHIA

DO

LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se installar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros participações de casamento, enveloppes e pape timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodoas, borbulhas, comichão, dardos, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada bran-cura, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodoas, borbulhas e encobre os signaes das bexigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Pinto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

A'S PESSOAS QUEBRADAS

COM o uso por algum tempo do emplastro AN-TEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA